

cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Junho 2015 – Nº 269



Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Discurso de posse do General Pires de Campos

João Camilo Pires de Campos

Sinto-me honrado; extremamente honrado.

Apreciando os currículos dos empossados, vejo quão enorme é minha responsabilidade por ter sido designado para proferir esses agradecimentos. Contudo, abraço a missão, procurando viver esta oportunidade com alegria e com enorme satisfação.

Sentimo-nos honrados por sermos destacados.

Sentimo-nos honrados em sermos apresentados pelo Prof. Ives Gandra.

Sentimo-nos honrados em sermos saudados pelo Prof. Armando Alexandre dos Santos.

Sentimo-nos honrados em participar deste aniversário de 120 anos.

Sentimo-nos honrados em estar neste templo.

Sentimo-nos honrados em compor a equipe deste centenário Instituto.

Para todos nós, integrar, comungando propósitos, este maravilhoso Instituto Histórico e Geográfico, somando esforços na pesquisa e na divulgação de nossa cidade e de nosso São Paulo, é motivo de imensa e justificável alegria.

A partir de hoje, passamos a compor, mesmo que modestamente, com nossos — agora podemos dizer — fundadores, o Dr. Domingos Jaguaribe; o capivariano Antonio Toledo Piza; e Estevão Leão. Nunca imaginávamos firmar algo, onde firmaram Bernardino de Campos, Ramos de Azevedo (o arquiteto de nosso belíssimo Tribunal de Justiça), Rodrigues Alves, Anhaia Melo e Teodoro Sampaio. E nossos presidentes? De Cesário Mota (nome de um colégio, em Capivari, onde meus irmãos e seu colega, hoje, Dr. Almir Pazzianoto, e minhas irmãs estudaram) à querida Prof. Nelly — quantas figuras ilustres e paulistas de boa cepa? E nossos presidentes de honra? Diria a eles — Prudente de Moraes, Barão de Rio Branco, Rui Barbosa, Afonso de Taunay, Ernesto de Moraes, Lycurgo de Castro e Hernani Donato — hoje, honrados nós!

Portanto, caríssimos diretores, conselheiros e integrantes deste augusto Instituto, agradecemos a distinção em terem escolhido e aprovado nossos nomes. Nosso compromisso: SERVIR. Acreditamos que esta será nossa maior missão. A História e a Geografia — irmãs de alma, no meu entendimento — contarão com mais este pequeno grupo de trabalhadores para enaltecê-las e divulgá-las. Portanto, como membros jovens — eu; a artista Cristiane Carbone; o Dr. Hélio Begliomini; o amigo e jornalista, escritor da Santana de Parnaíba de todos nós, carioca de nascimento e paulista por opção, Ricardo Viveiros; a Dra. Silmara Casadei; a Dra. Antonia Quintão; e o Dr. José Antonio Vignoli — e com o que, aqui, vivenciamos, deixamos este templo, daqui a pouco, mais ricos do que quando chegamos.

Gratos nós pela distinção e pelas manifestações de apreço!

Apesar de nas últimas quatro décadas nunca ter servido em São Paulo, pessoalmente, posso afiançar que foram muito especiais esses meus dois últimos anos aqui vividos — particularmente porque fui ao encontro de nossa história. Assumi, inicialmente, o comando da 2ª Região Militar. Ao contemplar a galeria dos antigos comandantes, deparei-me com as fotografias de Isidoro Dias Lopes — o próprio da Revolução do Isidoro, de 1924, e um dos idealizadores da Revolução de 32; com a foto de Góes Monteiro — o legalista de Getúlio; e com Waldomiro Lima — Cmt. das Forças Legalistas do Sul e primeiro interventor. O gabinete do Cmt. da 2ª RM é um gabinete de trabalho e de História pura. Aliás, foi nesse gabinete que na noite de 9 de

julho de 1932, quando ocupava Chácara Carvalho, o Cel. Euclides Figueiredo, assumindo o comando da 2ª RM, disparou a Revolução Constitucionalista.

Ao caminhar pelas ruas, vibrei ao identificar a união da (avenida) 23 de maio com a 9 de julho; emocioniei-me ao ver que a 23 de maio vai ao encontro do Monumento do Soldado Constitucionalista; vi reconhecimento nos nomes dos três viadutos que levam ao citado monumento: Euclides Figueiredo; General Marcondes Salgado; e Pedro de Toledo. Por curiosidade, fui à junção da rua Barão de Itapetininga com a Praça da República e, olhando para os prédios, procurei imaginar Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo subindo a escada que os levaria à glória. Vi que se as pessoas que contam Histórias estão diminuindo, as ruas e os logradouros, silentemente, procuram fazê-lo...

Como estudante, passei a receber presentes memoráveis. Almeida Prado que levou a Genealogia Paulistana, de Silva Leme; Miguel Gantus presenteou-me com livro que trata da história de primo soldado constitucionalista; Juvenal, primo de raiz centenária, bisneto do inesquecível Dr. Ovídio Pires de Campos, deu-me A Capitania Paulista, de Washington Luis, e o raríssimo Atlas Imperial do Colégio Pedro II. Com essas ferramentas, coube-me aprofundar. Lembrei-me das conversas de meu velho pai com seu primo Vinícius Stein de Campos — figura lendária da museologia paulista e da museologia nacional sobre as origens da nossa família. Lembrei-me das idas à cidade de Porto Feliz — a velha Araratiguaba, dos tupis — onde meu pai me levou, nas raras viagens de passeio, para conhecer um “batelão” — a canoa dos bandeirantes.

Ainda, a vida me conduziu ao encontro de três bastiões da cultura paulista: o Prof. Ives Gandra; o Príncipe dos Poetas, Dr. Paulo Bomfim; e o Cel. da PM, Edilberto de Oliveira. Ainda, vi o trabalho dos guerreiros — Cel. da PM, Ventura, Mendes e Arruda — incansáveis difusores da história de 32. A partir daí, leitura obsessiva e paixão. Por isso, foi muito bom constatar que no sangue daquele caipira que chegou assustado nesta pauliceia, naquele abril de 2011, há fragmentos de primária família bandeirante, dos Campos Bicudo, dos dois Antonios (Pires de Campos), de João Pires, o Gago — patriarca de uma das 32 famílias trazidas por Martim Afonso e o primeiro Juiz de Santo André da Borda do Campo —, e, também, de Fernão de

Camargo, o Tigre. Aliás, essas duas últimas famílias, Pires e Camargo, foram os protagonistas da histórica e sangüinária contenda, que teve início no que hoje é um casarão, anteriormente ocupado pelos Andradas, onde, atualmente, é o Centro de Preparação da Reserva, de São Paulo, dirigido por mim.

Portanto, foi prazeroso apaixonar-se pela história de São Paulo.

Esta reunião, neste templo, faz-me voltar de novo ao final do século XVII e início do século XIX. Faz-me voltar a um dos Bandeirantes primários da família; faz-me voltar àquele que fez 24 entradas no sertão do Rio Grande e do Paraguai, sendo 3 como soldado e 21 como capitão-mor; e, também, 2 entradas para o vale do Cuiabá. Faz-me lembrar de Manoel de Campos Bicudo que, falecido em 1722, como capitão-mor e Ministro da Ordem Terceira de São Francisco, foi sepultado na capela desta Ordem. Portanto, apesar da primeira capela ter sido derrubada e construída outra no mesmo lugar, sou empossado, hoje, no mesmo local do sepultamento desse familiar e valoroso paulista.

Entretanto, volto aos agradecimentos:

— a Deus por nos dar esta oportunidade e saúde para vivê-la;

— a todos, pelo prestígio;

— aos convidados, pelo carinho;

— aos familiares pelo apoio de sempre.

Que a partir de agora possamos contribuir, como contadores de história, ao engrandecimento das pessoas, particularmente, dos mais jovens que nos cercam, estimulando-os ao estudo e ao engrandecimento pessoal.

Muito obrigado!

João Camilo Pires de Campos
General do Exército Brasileiro

Um sopro de esperança

Antonio Carlos Gomes da Silva

Sozinho, com seus pensamentos,
Sem amor, sem alegria,
Vai aquele pobre diabo, um coitado,
Atravessando a noite, o dia,
O dia, a noite, o dia...
A vida, enfim.
Dias melhores virão,
É o que sempre lhe ocorre.
Pois não! Dias melhores virão.
E de vir hão, senão...
Nem sei não.

É no futuro esperando,
Aquele alento que sempre faz
Ir o passado afastando
E no amanhã confiando,
E que possui o condão,
Miraculoso, sem dúvida,
De abrir o coração de um cristão,
Daquele que um dia pensou,
Talvez como todos em seus enleios,
Que a vida era bela, calma,
De compreensão, franqueza e amizade,
Mas se enganou.
Não faz mal, não.
A vida é mesmo assim, pois não.
Dias melhores virão.
E de vir hão, senão...
Nem sei não.

Carta que jamais gostaria de ter recebido

Helio Begliomini

Dizer que somos insubstituíveis é uma redundância dissimulada, pois é uma verdade insofismável do ponto de vista biológico. Embora sejamos semelhantes, cada qual nasce com caracteres próprios tanto no físico como no psíquico, o que nos dá a certeza de que somos seres únicos e irrepetíveis. Ao contrário, somos facilmente substituíveis em nossas funções e atribuições, pois todos temos um prazo de validade ou de funcionalidade. Isso torna a vida mais colorida e versátil, além de favorecer o progresso.

Nesse contexto, entretanto, existem pessoas singulares, portadoras de uma fragrância agradável, que possuem conteúdo, que têm assunto para conversar, que cativam, que fazem falta quando ausentes, que colaboram para minorar o sofrimento alheio, que se sobressaem sem ostentação, que congregam sem ser pretensiosas, que, enfim, possuem um brilho próprio, cuja luminosidade permite aos seus semelhantes uma melhor visão de quais sendas seguir.

Tive e tenho o privilégio de conhecer e de conviver com centenas de pessoas que sabem fazer a diferença no trabalho, na família, em associações ou nas comunidades a que pertencem. Entre tantas, me inspirou neste momento particular a amizade de um amigo especial. Conheci-o dentro da família rotária à qual pertenceu, uma vez que seu estimado Rotary Clube São Paulo Água Fria Centenário tinha sido extinto há menos de um ano, e ele ainda não havia decidido a qual, dentre tantos assédios, deveria ceder em nova admissão. Aliás, por uma decisão unânime dos membros do Rotary Clube de São Paulo Tremembé, tive, na condição de presidente do ano rotário 2011/2012, o privilégio de lhe conceder o insólito título de membro honorário, fato que testemunha a benquerença que ele tinha entre tantos amigos. Ademais, motociclista, sua presença fazia-se frequente em eventos e viagens do grupo rotário de com-

panheirismo IFMR — *International Fellowship of Motorcycling Rotarians*.

Contudo, nossas vidas também se cruzariam profissionalmente, visto que havia me procurado duas vezes para consultas médicas e esclarecimentos.

Com seus aproximados 2 metros de altura, o que ele aparentava de tamanho, tinha exponencialmente muito mais em alegria, amizade, cultura, inteligência, espírito gregário, atenção e ajuda ao próximo.

Essa grande figura humana e intelectual a que me refiro chama-se Gláucio Gonçalves Tiago. Graduado em ciências biológicas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1984) e em ciências jurídicas e sociais pela Universidade Santa Cecília (1992), obteve, na Universidade de São Paulo, os títulos de mestre (2000) e o de doutor (2005) em ciência ambiental. Com especialização em ciência pesqueira no Japão pelo *Kanagawa International Fisheries Training Centre*, galgou a condição de pesquisador científico do Instituto de Pesca — única instituição científica no Estado de São Paulo que desenvolve pesquisas em pesca extrativista —, e, posteriormente, seu consultor sênior.

Atuando principalmente com aquicultura, gestão ambiental, pesca, desenvolvimento sustentável, governança e direito ambiental, seu nome se tornou profissionalmente conhecido quer pela participação e apresentação de estudos em congressos, quer pela publicação de trabalhos científicos e artigos na mídia, quer pela autoria de capítulos em livros ou pela publicação de cinco obras de sua lavra, algumas com mais de uma edição: *Aquicultura, Meio Ambiente e Legislação* (1ª edição 2002, 2ª edição 2007 e 3ª edição 2010); *Governança e Sustentabilidade Ambiental: A Aquicultura na Região Metropolitana de São Paulo* (2007); *Ideário para a Sobrevivência*

Social Humana: O Pensamento como a Última Fronteira Humana a ser Conquistada (2009); *Ementário da Legislação de Aquicultura e Pesca do Brasil* (1ª edição 2009 e 2ª edição 2010); e *Mitos das Águas. A Cultura Haliêutica e seus Poderosos Significantes Ancestrais* (2010).

Mas não somos perfeitos nem sempre e nem tanto. Fui súbita e desastrosamente surpreendido três vezes por ele recentemente. A primeira foi quando recebi o comunicado de seu falecimento. A segunda, logo em seguida, foi tomar ciência de que ele próprio, com todos seus belos predicados, tinha dado fim à própria vida, exatamente na infância da maturidade de seus 51 anos!¹ Esse foi um golpe duríssimo para o seu único filho, seus familiares e uma miríade de admiradores. O que o teria motivado à tão violenta decisão? O que poderia tê-lo desgostado da inefável e irrepetível arte de viver? O que o teria desmotivado da salutar convivência que tinha com seus amigos? Como teria reunido tamanha coragem e frieza para premeditar e planejar tudo como o fez? É difícil encontrar respostas para essas e outras perguntas quando se conhece a personalidade de alguém tão dócil, educado e bem-sucedido profissionalmente como era o Gláucio Tiago. Ele havia me telefonado há um mês e meio, cumprimentando-me pelo meu aniversário!... Havia conversado muito com a Aida, minha esposa, 15 dias antes na reunião do Rotary Club de São Paulo Mandaqui!... Tinha ido há poucos dias com o companheiro Miqueleti na Sub-prefeitura de Jaçanã para resolver pendências!...

Mas, desafortunadamente, ele ainda me surpreenderia mais uma vez e nesta, de forma personalizada. Logo após seu enterro, o casal Davanzo e Maria, amigos do estimado Rotary Club de São Paulo Tremembé, entregaram-me uma carta dele a mim endereçada, assim como houvera feito com outras pessoas. Com certeza, essa foi uma missiva que jamais gostaria de ter recebido, apesar da especial atenção depositada, pois, com certeza, ele não teria redigido correspondências de despedida se o destino tivesse sido outro e o poupado deste fatídico fim.

Guardei essa correspondência lacrada por diversos dias, pois não reunia coragem para abri-la. Após três semanas, com muita relutância e apreensão, consegui abrir delicadamente o envelope que, manuscrito, assim estava endereçado: “Ao amigo, Dr. Helio Begliomini”; e no seu reverso: “Gláucio Tiago”. Já havia me surpreendido pela carta e muito mais ainda pelo seu conteúdo, pois não encontrei um texto, mas um cheque do Banco Santander. Estava cruzado e nominal à minha pessoa, com a data de 9 de novembro de 2012 — a mesma data em que estivera comigo no consultório há um ano e meio pela última vez. O valor do cheque era sete vezes maior do que o preço da consulta naquela ocasião! No reverso, seu telefone celular: 11-99646-6447.

Infelizmente não poderei mais ouvir sua voz nesse telefone, pois, certamente lhe daria como irmão mais velho umas boas reprimendas, e, caso soubesse ou sequer desconfiasse desse infausto, tudo faria para demovê-lo de sua obsessão dissimulada em partir. Esteja certo, Gláucio, que jamais descontaria esse cheque, ainda que vivo estivesse.

Desafortunadamente você se tornou uma sentida e impreenchível ausência. Guardarei de nossa amizade sua jovialidade, honestidade, cultura, sagacidade, espontaneidade, boa vontade, vivacidade, inteligência e, paradoxalmente, alegria de viver e de conviver com seus amigos!

Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Cristã de Letras, Academia Brasileira de Médicos Escritores e Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

¹ Gláucio Gonçalves Tiago nasceu em 15 de junho de 1962, e faleceu em 4 de maio de 2014. Foi velado e sepultado no Cemitério Santana Chora Menino.

Madrugada

Carlos Alberto Pessoa Rosa



Disponível em: <http://www.osmais.com/wallpapers/201209/lua-cheia-wallpaper.jpg>

Na pista da lua, Adebaldinho tropeça no pensamento: e se o tempo parasse? Sem adiantamento de aviso, deu com o nariz nas águas do córrego e aspirou um bagre, desses ainda miúdos. Foi tempo de uma tosse estridente que devolveu o pequeno às águas. Sorte dos dois. Dele, por se livrar do incômodo da barbatana do animal ferindo sua traqueia; do bagre, por se livrar da secura que o ameaçava. Mas, de tudo, ficou a lua refletida no rio...

Somente pela manhã os amigos se deram conta da falta de Adebaldinho. Não dormiu no acampamento, não havia sinal na cama de que alguém passara a noite deitado nela. Preocupados, saíram em sua busca, cada qual preso a uma ideia do lugar onde poderia estar. Não demorou para encontrarem a lua ainda presa no rio. Ao lado, o olhar distante de Adebaldinho. “Tropecei no pensamento”, disse um pouco rouco aos companheiros que procuraram tirá-lo daquela estranheza toda.

Continuasse assim, um dia ele sumiria nas ilustrações de alguma madrugada, vítima do próprio pensamento. Mas era o modo do moço sobreviver ao corte da cana. E como cortador, era um dos melhores aos olhos dos parceiros e do patrão. Corte seco, na altura correta, sem parada até o almoço. Se pudesse, continuaria ceifando o dia sem pausa, a precisão era ter a madrugada só para ele.

Era o modo de Adebaldinho suportar o pesadelo do dia. Sutileza pessoal, para não dizer algo mágico e imponderá-

vel, tal a rudeza do trabalho. Não houvesse razão para a noite, a coruja e o morcego não se entregariam a ela, dizia aos mais próximos e aos desconfiados de sua sanidade; jeito seu de justificar o gosto. O problema era a profundidade que o mergulho, muitas vezes, alcançava.

Como no dia em que o cabra quase morreu de asfixia por aspirar um bagre dos grandes, tão enraizado estava nos pensamentos, o que o levou a aspirar a água do rio com mais intensidade. Era assim, tropeçava por não ter olhos para fora. Mesmo com a luz da lua a definir muito bem os caminhos, inclusive o córrego onde o satélite da Terra se admirava.

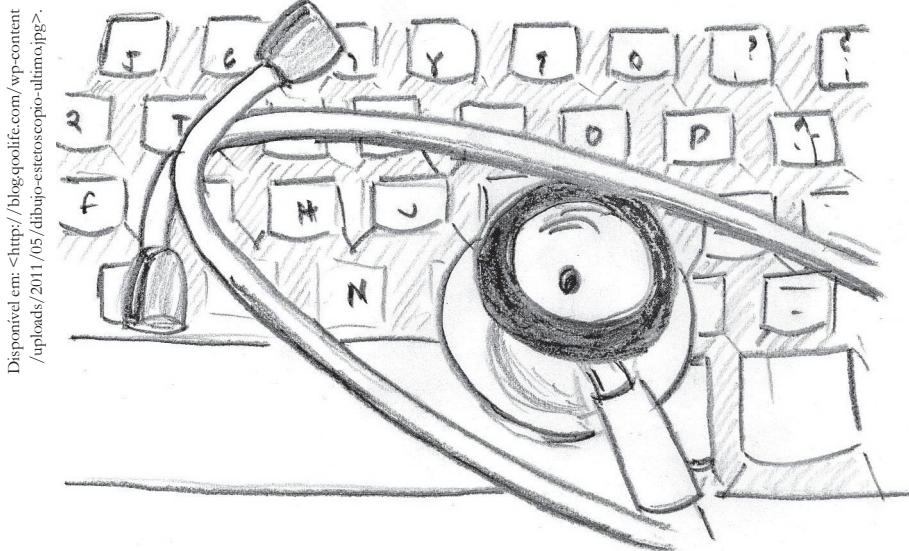
Mas nada disso o incomodava. Pudesse, viajaria para um desses países onde há mais noite que dia. Se o mundo parasse, deveria fazê-lo à noite. E foi assim que certo dia Adebaldinho desapareceu, também não encontraram o corpo para oficializarem sua morte.

Para ele, o tempo parou naquela madrugada sem lua, quando a escuridão misturou-se a seu corpo que se desfez. Nesse dia, não se deram conta: havia um corpo sobre sua cama...

Carlos Alberto Pessoa Rosa
Médico e escritor

íase, ose, iose: pedimos socorro

Vicente Amato Neto
Jacyr Pasternak



Disponível em: <<http://blog.qooflife.com/wp-content/uploads/2011/05/dibujo-estetoscopio-ultimo.jpg>>

Somos médicos com especialização em clínica de doenças infecciosas e parasitárias. Comumente, escrevemos artigos científicos, preparamos livros e redigimos pareceres, crônicas, contos e textos para diferentes tipos de publicações. Nessas atividades, mencionamos denominações de protozoários e vermes constatando a diversidade das maneiras de escrevê-los. Não se trata de citação de gênero e espécie em latim; isso não causa desconforto, pois deve respeitar normas específicas, ditadas pela nomenclatura biológica. Todavia, devemos fazer referências a nomes empregados como menções aportuguesadas, mais adequadas em determinadas redações. Aí vem nossa incerteza.

A seguir, estão vários exemplos. Amebíase, amebose, amebiose; ancilostomíase, ancilostomose, ancilostomiose; ascaridíase, ascaridose, ascaridiose; ciclosporidíase, ciclosporidose, ciclosporodiose; giardiíase, giardose, giardiose; esquistossomíase, esquistossomose, esquistossomiose; oxiuriíase, oxiurose, oxiurodióse; tricomoníase, tricomonose, tricomonodiose; tricuriíase, tricurose, tricurióse;

Esses modos estão sempre em cena, escritos ou falados. Uns, sem dúvida, com maior frequência, em virtude de cos-

tumes ou de predileções pessoais, sem justificativa baseada em rigor. Muitos que as redigem julgam estarem certos.

Talvez esse assunto não motive interesse. É, inclusive, interpretado como curiosidade. Porém, não tem sentido esquecê-lo, porquanto está no contexto de costumeiras tarefas, estritamente científicas ou não, e nelas impõe-se agir esmeradamente. Personalismos, preferências aleatórias, hábitos e desconhecimentos não cabem no respeito à correção.

Aqui, no Brasil, contamos com excelentes dicionários e orientações bem cuidadas, graças a competentes profissionais. Assim, valeria a pena que situações muito utilizadas não ficassem sem indicação da melhor conduta nessa matéria. Convém, então, que nossos prestimosos cultivadores da redação e da gramática ajudassem a propósito desse tema. Ficaremos rigorosamente apoiados.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak
Médicos e professores universitários

Coluna do livro



Les anesthésiques

Trata essa rara obra dos anestésicos, fisiologia e aplicações cirúrgicas. O autor, Albert Dastre, foi professor de fisiologia da Sorbonne. Nasceu em 7 de novembro de 1844, em Paris, e aí faleceu em 22 de outubro de 1917. Foi um dos grandes estudiosos da química e são conhecidos os seus trabalhos sobre a glicosúria e a diabete.

A obra em comento, publicada pela Masson Editeur, em 1890, é uma preciosidade dividida em quatro livros.

Traz uma introdução histórica muito curiosa, mostrando os métodos usados para anestésiar na antiguidade.

O primeiro livro trata dos anestésicos ditos vulgares: o éter e o clorofórmio, explorando o seu uso exaustivamente, a sua aplicação, a ação sobre a mobilidade, a graduação necessária, os fenômenos anestésicos, os perigos, a ação sobre o organismo, a respiração, os batimentos cardíacos e a musculatura.

Do segundo livro, constam os anestésicos ditos diversos, como o protóxido de azoto, o cloral, o brometo de etila, a cocaína etc.

O terceiro livro explica os anestésicos mistos e combinados, por exemplo, a associação de clorofórmico com morfina, clorofórmico com álcool, protóxido de azoto com éter etc.

O quarto e último livro diz respeito aos anestésicos locais, em que discorre sobre a aplicação do ácido carbônico, do gelo, da cocaína etc.

A rara obra, com 306 páginas, mais 11 inumeradas, foi encadernada no final dos anos 1970; o miolo está em excelente estado de conservação. Foi adquirida por Dr. Margarido, em 16 de setembro de 1892; depois, foi ter na biblioteca de Pedro Ayres Netto, que a doou à APM, em 7 de agosto de 1980.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.